

Narrativas sobre o espaço: o pesquisador, o narrador e a cidade

Narratives on the area: the researcher, the narrator and the city

Nilson Almino de Freitas¹

RESUMO



Este artigo tem como objetivo pensar as narrativas de contadores de histórias selecionados que ocupam lugares socioeconômicos e espaciais diferentes na cidade de Sobral (CE). São narradores que contam experiências de vida que podem ser vistas como estilos pautados em perspectivas distintas. Nesse texto, o pesquisador aparece sendo afetado pelas narrativas. Quatro depoimentos arquivados no LABOME - UVA-Sobral/CE - serviram como fonte para compreender o urbano como cúmplice dos narradores no exercício de suas experiências. A "unidade estrutural" de Sobral é relativizada nas lembranças dos narradores que mostram cidades possíveis e plurais, que não se separam de suas aventuras pelas estradas da vida.

Palavras-chave: *Narrador. Memória. Cidade. Cotidiano. Imagem.*

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Pós-doutor em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor adjunto da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Sobral/CE) e Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ.

ABSTRACT

This article aims to reflect the narratives of storytellers selected socioeconomic and places that occupy different space in the city of Sobral (CE). They are storytellers who have life experiences that can be seen as guided styles in different perspectives. In this text, the researcher appears to be affected by the narratives. Four depositions filed in LABOME - UVA-Sobral/CE - served as a source for understanding the city as an accomplice of the narrators in the exercise of their experiences. The "structural unit" Sobral is relativized in the memories of the narrators who show potential and plural cities that do not separate their adventures along the roads of life.

Keyword: Speaker. Memory. City. Daily image.

Considerações Iniciais

A proposta deste artigo é pensar a forma como narradores selecionados constroem imagens sobre suas vidas no ambiente urbano. Esse objetivo não pretende esquecer o contexto de produção da entrevista, em que o entrevistador também é afetado de alguma forma, inclusive emocionalmente. Quatro narradores foram escolhidos dentre os depoimentos registrados no Laboratório das Memórias e Práticas Cotidianas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Labome-UVA), arquivo público de documentos orais na cidade cearense de Sobral. A partir dessas fontes, não dá para pensar a cidade somente como um aglomerado de concreto e asfalto onde as pessoas moram. Nem mesmo servem como informações para pensar um modelo urbano estrutural onde os espaços são apresentados por suas funcionalidades e relações com o todo. Também não é possível pensar representações sociais onde a subjetivação plural é sistematizada por uma "média" que designaria uma abstração genérica do "pensamento do morador".

O modelo urbanístico estrutural de pensar a cidade e um "sobralense" genérico fundamentou o Processo de Instrução que culminou no tombamento de uma parte do espaço urbano correspondente ao centro de Sobral (225 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará), como patrimônio histórico nacional, em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. A Prefeitura Municipal torna política pública a produção de uma imagem da cidade pautada na identificação que fala de homogeneidade cultural, sistematização na construção de uma história em etapas (ciclos econômicos), construção de essencialismos nas características marcantes, caráter especial da coletividade e uma história marcada pela produção de riquezas. Essa imagem torna a cidade monumento a ser cultuado por uma política de preservação.

Percebi na leitura das narrativas selecionadas no Labome que a História que serve para justificar o registro para a posteridade, pode deixar de ser um campo delimitado em uma identidade especial, relações modelares e aplicado a todos os moradores. Através de imagens narrativas de pessoas diferentes, posso perceber o espaço como uma diversidade de perspectivas distintas que formam um conjunto não muito homogêneo e coerente, porém vivo, flexível, difuso e meio complicado de ser fonte para criar modelos urbanísticos metodicamente pensados com estrutura e funções bem definidas.

Prefiro aqui trabalhar com a ideia de que as narrativas produzem imagens contextualmente criadas de forma pragmática. Fiz essa opção do ponto de vista metodológico e analítico por entender que é difícil trabalhar na prática das relações interpessoais construídas no trabalho de campo, com a ideia que define as narrativas como resultantes de representações sociais ou de um imaginário. Essa escolha foi feita por achar que a pesquisa não se adequava a uma visão corrente de representação social que a define como “imagem mental da realidade” de uma coletividade. Magnani (1986) critica essa noção comum que tenta explorar uma combinatória sintática e semântica que junta pedaços de discursos individuais e atribui uma identidade representativa e substantiva ao grupo escolhido como foco. Além de atribuir identidades substantivas, alguns analistas mais distraídos atribuem um discurso mais ou menos homogêneo ao grupo pesquisado escolhido como se todos falassem e pensassem a mesma coisa todo o tempo.

Percebi durante a pesquisa que nem mesmo os membros da prefeitura municipal, sejam eles técnicos, sejam políticos indicados para cargos de decisão, têm a mesma visão sobre a cidade ou sobre como atuar nela. Seguindo essa lógica, seria ingenuidade pensar que indivíduos pertencentes a grupos sociais diferentes pensam e falam a mesma coisa. Há algo nas falas que coincide, mas nem tudo. Como percebo a cidade através da escuta dessas falas selecionadas, sendo elas produzidas por pessoas tão diferentes?

Creio que trabalhar com imagens contemple uma série de fatores esquecidos por boa parte dos analistas que trabalham com representação social, assim como os que trabalham com imaginário. Não quero crer que o conceito adotado seja completamente distante de determinadas concepções de representação social, nem que a ideia de representação social ou imaginário seja completamente descartável. O que pretendo ressaltar é a dimensão pragmática das narrativas sobre o espaço, que visa causar um efeito no interlocutor, dimensão essa muitas vezes esquecida por alguns analistas que usam os conceitos citados. A “imagem mental da realidade”, portanto, é o ponto de partida para esta pesquisa. Pretendo, porém, dar ênfase à dimensão pragmática do que é narrado e ao seu efeito no interlocutor, que consiste em uma prática retórica na qual o agente cria para fins específicos uma forma narrativa e um conteúdo específico para atender suas necessidades, desejos e emoções em uma determinada situação. Assim, produz imagens no interlocutor que nem sempre correspondem às crenças do narrador e que, além de falar da cidade, fala muito mais de si mesmo, porém, temporal e espacialmente situado. Como saber se sua fala realmente corresponde às suas crenças?

Diante da impossibilidade de descobrir uma resposta definitiva para esta última questão, resolvi trabalhar com imagens construídas por indivíduos em seu contexto social de produção, deslocando o

foco de uma síntese obscura, superficial, estrutural, geral, porém entendida como necessária para outros momentos, para um enfoque mais fluido e flexível que entende as práticas e as falas como estampas provisórias e contextuais, que tem também um fim prático de mostrar um perfil, um estilo e uma “história” especial. Portanto o foco é tentar entender o que a narrativa é capaz de fazer, principalmente ao pesquisador, e não entender o que ela é em sua essência. O que elas me fizeram ver?

Concordo com Barros (1999) quando ela chama a atenção do “pentimento” e do olhar como característica singular na sociedade moderna. O “pentimento” remete ao jogo de esconder e revelar, presente no campo da pintura, mas que pode servir de metáfora para entender a sociedade. A perspectiva que se tem do passado narrado revela traços que sobressaem e outros que são esmorecidos pelo presente. O olhar é o sentido privilegiado da sociedade contemporânea, sendo ressaltado também por autores como Simmel (1967), Benjamim (1985) e Balandier (1999) no momento histórico que esse último batiza de sobremodernidade. Portanto, esta relação movimentada que privilegia o jogo do olhar também serve como justificativa para adotar a noção de imagem, que, a meu ver, é fruto de uma afecção ocasionada por uma experiência de vida, mas é recomposta dependendo do contexto de interlocução, dos sujeitos envolvidos e dos interesses em jogo. A audição do pesquisador torna o que se escuta em imagem que de fato é uma interpretação ressaltada em um texto que mostra uma concepção do que foi vivido, o que remete mais uma vez ao “pentimento”. O que o pesquisador mostra tem que ser seletivo e resultado de escolhas, de acordo com seus interesses de análise e a forma que foi afetado pelo interlocutor. Portanto, para o pesquisador, não é possível mostrar tudo, pois alguma coisa tanto ele, quanto o narrador, escondem. O narrador faz o mesmo exercício de “pentimento”, revelando e escondendo, construindo imagem, que na verdade resalta uma concepção que se quer mostrar e também visa a afetar o ouvinte. As narrativas aqui analisadas encontram estes limites.

Uma breve biografia dos narradores vai ser apresentada no decorrer da análise para situar o leitor no contexto social de produção da narrativa. Cada entrevista tem, em média, três horas de gravação. São pessoas bastante experientes em suas áreas de atuação, todas com mais de 80 anos de idade, aposentadas em suas profissões e não economizam tempo ao contar histórias.

Vale a pena começar por algumas afecções no registro das falas para também informar ao leitor sobre a perspectiva emocional que direcionou a análise aqui trabalhada. Isso porque entendo que o texto produzido é resultado de uma relação social. Como diz Viveiros de Castro (2002), é um texto que expressa a afecção produzida em um contexto de interação entre subjetividades diferentes. Essa interação que produz transformações na constituição relacional de ambos: do pesquisador e do pesquisado. Não no sentido de construção de identificação. A diferença está no efeito de conhecimento do discurso do pesquisador, a relação entre o seu discurso e o do pesquisado. O pesquisador tem uma vantagem nesse jogo. Ele depende do sentido produzido pelo nativo, mas produz o sentido desse sentido, pois interpreta e textualiza o sentido. Uma leitura inocente de um texto dessa natureza dá a impressão de que o pesquisado não detém o sentido de seu próprio

sentido. A impressão é que o pesquisador promove um discurso de promoção da sua palavra em detrimento da palavra do nativo que só serve como fonte (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Favret-Saada (2005) chama a atenção de que o pesquisador não é um ser acultural, cuja capacidade de pensar falaria de proposições verdadeiras. Ele é afetado na interação com o outro, indo além da capacidade de representação. Foram comuns situações em que o entrevistado falava comigo tentando me afetar de alguma forma. As histórias contadas não eram só deles, apesar de serem protagonistas. Queriam que eu participasse delas, que sentissem como eles sentiram os acontecimentos. Tentei entrar no jogo deles, talvez não da forma como esperavam. Não só observei e registrei as suas histórias, como também participei. É um jogo em que o pesquisador é bombardeado por intensidades narrativas, onde algumas delas não são significáveis ou decifráveis de acordo com o discurso científico. Vale a pena viajarmos primeiro por algumas dessas afecções que quis decifrar, principalmente as que se referem ao tipo de relação de pesquisa estabelecido e às astúcias narrativas dos entrevistados.

Algumas afecções no pesquisador e a questão do método: Um breve parêntese para começar

Começo a conversar com senhor Wilson Brasil (*in memoriam*) e ele tenta me convencer ser um homem que olha o mundo com experiência de uma vida "bem vivida", apesar da "alma calejada". Sua casa, simples como a aparência de seu dono, esconde lampejos da memória de uma experiência vivida, compartilhada com a dos "heróis" lembrados pela História usada pela política de preservação aplicada na cidade sobralense. Fotos de Sr. Wilson com Dom José, primeiro bispo da cidade, por exemplo, marcam sua amizade com o homem que, segundo o hino da Santa Casa de Misericórdia, "deu luz e vida à cidade de Sobral". Seu relato sobre sua vida em Sobral atravessa e organiza lugares, selecionando-os e colocando-os em um só conjunto que é a cidade de Sobral. O espaço citadino é fracionado, e as lembranças do uso que o distinto narrador faz de cada fração sugerem uma frase, um conselho ou uma anedota.

Esta característica não se restringe somente ao senhor Wilson. O Sr. Gutemberg, José Ferreira e Dona Marizô, narradores selecionados para este artigo, em cada visita que fiz a eles, ficava surpreso pela narrativa envolvente, densa e cheia de histórias que me extasiavam de tal forma que perdia a noção do tempo. Horas se passavam e não cansava de ouvi-los, juntamente com os alunos que sempre me acompanharam nas entrevistas.

Além da fala, os narradores ouvidos, organizam suas lembranças também em documentação escrita e imagética (artigos, documentários, notícias sobre a cidade, partituras, fotos e vídeos) e fazem questão de mostrar como recurso para enfatizar o que narram. A exceção se abre com o "agricultor urbano" José Ferreira e o comerciante aposentado Sr. Gutemberg. O agricultor, no seu "escritório", como ele mesmo chama o quintal de sua casa onde foi realizada a entrevista, prefere somente usar da sua palavra para narrar. A não ser quando começo a caminhar com ele dentro de

sua casa, onde ele mostra o processo de divisão e ampliação que teve que fazer para abrigar a família que foi acrescida de 14 netos nascidos de seus dois filhos que ainda moravam com ele. Sua narrativa é demarcada espacialmente, principalmente no bairro Dom Expedito, situado na "margem direita" do rio Acaraú. Ironicamente, apesar de parecer morar em um sítio distante do movimento urbano, sua casa está em uma região modificada com um complexo arquitetônico e urbanístico que inclui ciclovia, quadras de esporte, lago artificial, museu de arte contemporânea, biblioteca pública, centro comercial, universidades, dentre outros espaços de lazer, esporte e educacionais.

Já o Sr. Gutemberg me deu a impressão de ser econômico e desconfiado, preferindo somente falar e, mesmo assim, preocupado se estava ou não agradando o seu ouvinte. Sua narrativa também é pontuada pelos espaços e heróis, tanto de São Benedito, sua cidade natal, como de Sobral. Mostra experiência e esperteza para superar os problemas que enfrentou na vida.

Da estante cheia de papéis organizados segundo os parâmetros de seu dono e arquivista, Sr. Wilson retira partituras antigas, fotos suas acompanhado com grandes "heróis" sobralenses, como prefeitos de tempos distintos, além de vários outros documentos que, segundo ele, guardam um pouco da história, não só pessoal, mas de toda a cidade.

A parteira e rezadeira Dona Marizô mostra fotos de sua viagem a Brasília para discutir em um encontro nacional a sua experiência com a atividade de "pegar" recém-nascidos no bairro. Além disso, mostra fotos de família, fazendo questão de contar histórias relacionadas a cada pessoa que se apresenta nas imagens mostradas. Fez questão também de passear pelo bairro comigo e um dos meus bolsistas para mostrar o local, onde lavava roupas quase todos os dias. Conhecemos novas ocupações urbanas que iam surgindo, o processo de negociação para ter um terreno, a forma como é demarcado, dentre outras peculiaridades do cotidiano do bairro, durante este passeio.

No entanto, esta documentação imagética ou escrita e os passeios com os narradores, apesar de condensarem uma rica "viagem pelo tempo", representam uma parte ínfima da narração oral. A oralidade não fixa imagens construídas e, conseqüentemente, não ossifica experiências em documentos. A transformação da narrativa em arquivo e documento é tarefa do pesquisador, o que limita a capacidade criativa da narrativa. A narração oral não cessa de trabalhar na composição de espaços, lugares, pontes e fronteiras (CERTEAU, 1994). É sempre um estar sendo, e nunca um ser.

Desta forma cada narrador, contando a sua história, vai montando um grande quebra-cabeça, relativo ao modelo peculiar de ver, fazer e dar sentido e significado aos lugares da cidade e suas experiências. Os relatos sobre suas histórias pessoais e sobre o cotidiano contam as "feituças de espaço" (CERTEAU, 1994). A fabricação e as operações de demarcação do espaço vivido, realizadas através dos relatos dos narradores, são compostas com fragmentos compilados de histórias anteriores experimentadas por eles, e "bricoladas" como se existisse um todo único, sistemático e organizado.

Os grandes "heróis", apesar de obrigatórios nas lembranças, aparecem como coadjuvantes nas narrativas. O narrador é o personagem principal na história contada. Os lugares marcados no mapa

da vida do narrador, servindo de referências para suas lembranças, compõem uma rede de ligações mais ou menos fortes que explicitam o tipo de passagem que conduz de um lugar a outro.

O que me intrigou, porém, dentre as narrativas selecionadas é o vácuo deixado pelo Sr. Wilson entre o bairro que mora e o restante da cidade. O bairro das Pedrinhas quase não é mencionado em sua narrativa, apesar de ele ser presidente de honra da escola de samba local que, inclusive foi campeã em vários carnavais. O bairro é lembrado apenas quando estimulado pelas questões produzidas pelo entrevistador. Ele denuncia uma falta de solidariedade como um dos motivos para não falar do bairro.

O Sr. Gutemberg também não fala muito do bairro onde mora. No seu caso, contudo, esta lacuna é compreensível diante de uma característica marcante do bairro Colina, onde as ruas não são usadas como espaços de sociabilidade, mas só como local de passagem. As histórias e experiências cotidianas vividas em Sobral por esses dois moradores são sempre localizadas no centro da cidade.

Os relatos dos narradores mostram uma prática do espaço. Não só uma prática pontuada e fixada, mas um "percurso". Para Certeau (1994) os relatos tanto localizam ("mapa") como descrevem o movimento no espaço ("percurso"). O que o autor chama a atenção é da diferença de registro necessária para uma compreensão mais abrangente da situação espacial. O meu olhar como pesquisador vê o espaço sendo experimentado ou operado pelo praticante nas narrativas. Já o lugar resguarda, com base na narrativa, a forma peculiar do interlocutor de determinar a extensão, o limite, os atributos essenciais e específicos de modo que torne o lugar inconfundível. A narrativa não só limita, mas também explica, justifica, precisa e estabelece o significado, o "verdadeiro sentido", revelando o que é "próprio" do lugar.

Percebi que não teria dificuldade em acompanhar o percurso narrativo dos interlocutores escolhidos, pois uma das grandes virtudes destes narradores selecionados é a de envolver o ouvinte em suas narrativas, como se ele fizesse parte da história contada. O narrador, através de sua história, consegue montar um "mosaico" complexo, mas de simples entendimento, fruto de uma capacidade de organização que cria uma unidade entre formas distintas de "design" para construção de imagens direcionadas ao ouvinte.

Porém, é difícil encontrar alguém com o perfil puro de um narrador Benjaminiano (BENJAMIN, 1985), dissociado de uma narrativa romântica linear. Para o autor alemão, a busca que norteia o romance é a do "sentido da vida", enquanto que a narrativa emitida pelo narrador deixa esta busca em aberto, fornecendo somente pistas para uma "moral da história". O romance é a resposta pronta e acabada para o grande "drama da vida". Seguindo as reflexões de Benjamin, na narrativa do narrador, há uma banalização do "drama" da vida e, ao mesmo tempo, há pistas meio imprecisas e confusas sobre experiências que servem para pensar. Por isso instiga o ouvinte e promove uma perda da noção do tempo na conversa com o narrador. No cotidiano da cidade de Sobral não encontrei o narrador na sua forma pura, o que já é previsto por Benjamin no contexto sociocultural da modernidade.

Metodologicamente é preciso refletir sobre a ideia de que os modernos meios de comunicação fazem com que o narrador perca um pouco da espontaneidade, já prejudicada com a presença de um estranho entrevistador. Porém, em qual situação podemos dizer que a pessoa está sendo espontânea? Em que contexto de comunicação e sociocultural um interlocutor qualquer fala sem montar sua narrativa de acordo com os interesses e emoções em jogo, escondendo e revelando o que ele quer, da forma como deseja? Como avaliar se o narrador está falando tudo sem um método para adequar seu discurso ao contexto de situação da entrevista? Reconheço que, de fato, o gravador intimida o interlocutor da entrevista. Mas, só o fato de um estranho estar conversando com ele, já o faz pensar o que falar.

Apesar do tudo, o narrador, forçado pela máquina à sua frente, porém não conformado, procura sempre tentar contar suas histórias acompanhadas de explicações prontas que, apesar de seu esforço, seu espírito de narrador sempre a desmancha, dando a história contada um tom épico e surpreendente. A empreitada homérica do narrador sempre volta à tona em suas histórias contadas, não se entregando a explicações fáceis, suscitando espanto e reflexões múltiplas. Alguns deles, como Marizô ou mãe Mazô, como alguns a conhecem, e o Maestro Wilson Brasil, já acostumados com a lógica das entrevistas para jornais locais parecem já adaptados com esta situação artificial, e narram de acordo com suas experiências acumuladas. Já José Ferreira e o Sr. Gutemberg mostram claramente a inibição provocada pelo gravador quando se sentem mais à vontade com o aparelho desligado, e acabam falando coisas interessantes que não falaram durante a gravação.

O grande problema é: como registrar a narrativa sem a inibição imputada pelo gravador? Apesar de achar que devemos relativizar a inibição, a prisão psicológica do controle da fala provocada pela máquina e a liberdade irresistível da narrativa pronunciada pelos interlocutores escolhidos então constantemente em conflito nos encontros de entrevista promovidos. A forma artesanal de comunicação do narrador entra em choque com a artificial imposta pela imagem da "autoridade" associada ao pesquisador e professor da Universidade "armado" com um gravador, "ameaçando" a privacidade dos narradores. A comunidade de ouvintes está prejudicada de certa forma pelo relatório informativo que acaba sendo criado pelo registro tornado documento, já que a continuidade narrativa poderia mostrar outros campos e formas de afetar o ouvinte, não explorados. Dentre outros aspectos, o tempo acaba sendo amarrado e abreviado de modo circunstancial, o que vai de encontro ao investimento do narrador e de meus interesses, pois, se dependesse dele e de mim, ficaríamos ali conversando até nos cansar.

Apesar do registro e documentação executados, a narrativa não tem fim. Nos encontros que tive com os distintos narradores, suas histórias ganhavam mobilidade na demonstração dos caminhos da vida, mostrando, sobretudo, percursos épicos da existência e não mapas pontuados e estáticos. Mostravam uma cidade praticada por indivíduos que entendem saber viver seu cotidiano. Lembravam também seus "heróis". E é desta cidade, desta prática e destes heróis que quero falar agora pensando no que contaram os narradores selecionados.

O narrador e a cidade: múltiplas lembranças

A história de vida do narrador e maestro Wilson Brasil é pontuada em determinados momentos com "citações" como esta.

Agora eu quero fazer uma citação aqui. Que vocês guardem isso: a vida é uma partitura musical, tem nota de todo tamanho, para todos os tons de acordo com todos os acidentes. É a partitura da vida. As coisas que aparece aqui, ali, acolá, intelectual, moral [...] juntando dá uma partitura. Muitas vezes grandes músicas e outras vezes desafinadas [sic].(BRASIL, 2005b).

A estas palavras produzidas pelo Maestro, foram acrescentadas, diante da indagação sobre a dúvida se os dias de hoje estão "desafinados" ou não, as seguintes:

Bom, é a mesma coisa. O dia de hoje é a partitura da vida. Muitas vezes você vai escrever e se [...] e não olha para a clave, não sabe quantos acidentes tem, escreve e bota a perder a partitura porque faltou, você não prestou atenção aos acidentes que precisava botar, etc [sic] (BRASIL, 2005b).

Este Maestro aposentado tenta ensinar que, para a vida ou para a "partitura" ser completa, a "tonalidade" tem que estar de acordo com o pensamento do autor. Para marcar a atenção dos ouvintes, não usa o recurso da resposta pronta e acabada, mas fala de forma a tentar afetar-nos, não dando respostas definitivas, mas mostrando o caminho para o ouvinte encontrar, por si só, o percurso que deve seguir. Ele tenta ensinar os pormenores práticos essenciais à execução perfeita de uma arte de viver.

Enquanto o maestro compara a vida com a técnica da musicalidade, Marizô, parteira e rezadeira do bairro Sumaré de Sobral, conta as consideradas por ela "presepadas" na sua vida de outra forma.² Enquanto o maestro sugere a utilização do método de combinar sons de maneira agradável ao ouvido para ensinar o interlocutor, Marizô usa da ironia, da zombaria e de anedotas reais de sua experiência de vida, levada com astúcia e esperteza. A postura do maestro, como ele mesmo caracteriza, é de "intelectual", enquanto que a rezadeira faz de sua experiência uma história inteligente, não no sentido erudito, mas sim do ponto de vista prático. Suas aventuras são quentes, mas sempre consegue safar-se. Com os ciganos moradores como ela do bairro Sumaré, grupo de que todos têm medo, por exemplo, houve conflitos que hoje fazem com que seja respeitada por eles. Ela

² Sumaré é um bairro da cidade de Sobral constituído por pessoas oriundas de faixas de renda mais humilde. É conhecido também como bairro dos ciganos. Dona Marizô mora em frente a eles. O termo "presepada", na narrativa de Marizô, pode ser entendido como desrespeito ao que é moralmente conveniente se fazer. Está no registro da astúcia, diversão ou esperteza diante da vida.

conta sempre com minúcias e detalhes suas histórias, mostrando que brinca constantemente com o perigo. Em um episódio com os ciganos ela fala:

Um dia eu tava aqui quando um neto [...] o menino ia passando e ele bêbado, que eles querem ter direito, pegou aqui no pescoço do menino, deu um murro no menino o bichão. Aí ele correu pra cá : " O que é isso menino?"; "É o filho da Milagro me bateu e disse que ia me buscar [...] Que eu cheguei lá digo: "Ei, pra quê tu bateu [...] tu bebe, tu fuma tuas maconha e quer se vingar nos outro né ? Bate nele outra vez." Aí seu Valdemar [...] o véio chefe: "O que foi D. Marisô?" eu digo: "Que foi? Que aí o Assis bateu no meu menino sem ter motivo nenhum e ainda disse que ia matar ele". Ói que ele saiba matar [...] Eu sei onde eu piso. Eu desconhecendo, ele vai ficar do inferno por uma banda. Ai o véio brigou muito com ele. Ele: "Eu dou nela. ". Menino, aquilo me cresceu uma raiva tão grande, eu entrei foi de casa a dentro da véia, eu digo: "Vem cá infeliz, vem me atirar, anda. Eu só tenho uma vida e essa eu num sei pra que é, eu num sei se é de faca, ou é de trem, ou é de carro, ou é revólver como tu ta. [...] taquí eu" [...] O véio brigou com ele, ele entrou pra dentro. Aí ele: "essa véia aí é o ovo que o cão põe, num tem quem possa com ela". Cadê? Tenho medo de nenhum não [sic]. (NASCIMENTO, 2005).³

Já o Senhor Gutemberg, como muitos, veio de outra cidade, especificamente São Benedito, localizado na Serra que faz fronteira com o Piauí, pois "queria ir para um meio maior" , onde pudesse realizar, em um local com melhores condições econômicas, suas ambições financeiras como comerciante. A impressão que me deu foi a de que sua prática econômica no comércio em vários setores e sua trilha e desventuras no setor bancário pareciam influenciar suas palavras que saem com moderação nos gastos, tentando ter uma harmonia entre as partes e o todo da ideia que quer passar. Porém mostra riqueza acumulada por uma poupança forçada, de 94 anos, completada em 2004, ano da entrevista, de experiência de vida em sua cidade natal e em Sobral.

José Ferreira, outro personagem das tramas urbanas de Sobral, diz ainda viver um pouco de uma vida que não parece ser de cidade, no bairro Dom Expedito, cuja a urbanização precária contrasta com as grandes obras da "Margem Esquerda" , "Margem Direita", o primeiro Shopping Center de Sobral, a construção de duas faculdades privadas e a duplicação e ampliação da Avenida Senador Fernandes Távora que dá acesso à BR-222.⁴ Em 18 de agosto de 2004, ano da entrevista, completava 81 anos. Veio morar no bairro Dom Expedito em 1940, quando o local ainda estava sendo "descoberto" . Ele acompanhou o desenvolvimento da cidade para aqueles lados.

³A palavra cão aqui se refere à ira característica do que popularmente é conhecido como o "diabo" .

⁴A "margem esquerda" é obra de urbanização onde foi edificado um anfiteatro, um museu de arte contemporânea (MADI), local para caminhadas, quadras de esporte e ciclovia. No ano de 2009, preocupada com o contraste, a administração municipal começou obras na "margem direita" com um proposta parecida.

Diante das "aventuras" destes distintos moradores da cidade de Sobral, posso afirmar que eles são narradores (BENJAMIN, 1985) artesanais do estado e das transformações da cidade em tempos e espaços distintos. Cada um usa de recursos próprios para executar este exercício. Portanto, para Marizô o bairro Sumaré é seu cúmplice nas "presepadadas"; para o maestro, os espaços frequentados pela "intelectualidade" são seus parceiros; Gutemberg se sustenta por suas práticas comerciais, financeiras e contato com a elite de Sobral; enquanto que José Ferreira se contenta com sua "vida rural" no bairro inserido no perímetro urbano, plantando e colhendo o resultando de seu trabalho em terrenos nas margens do Rio Acaraú.

A imagem que o Maestro Wilson Brasil, narrador entrevistado já apresentado aqui, faz de Sobral não é por acaso classificada como "cidade intelectual". Sua trajetória na cidade marca sua fala. Estas imagens lembram em muito as referidas pela "sobralidade" que as narrativas registradas em documentos diversos produzidas pelo poder público que falam do tombamento de Sobral no ano de 1999 como Patrimônio Histórico Nacional constroem. Os "sobralenses ilustres", a importância histórica, econômica e cultural da cidade e suas peculiaridades parecem a distinguir das demais.

Já Marizô conta suas aventuras sempre considerando o pioneirismo da chegada de sua família ao bairro Sumaré em 1934. Ela, nascida em Tianguá, tinha mais ou menos 12 anos quando chegou ao bairro que, por sua vez, "só era mato, mato mesmo, que a gente tinha até medo de ir pra rua".⁵ A ideia do seu local de moradia ser ainda "mato", também usado por José Ferreira quando fala de sua chegada ao bairro Dom Expedito, remete a uma imagem de local ainda a ser dominado pela urbanização, onde a cidade está por chegar. Os dois narradores aparecem nas suas narrativas como os pioneiros nesta empreitada e, ao mesmo tempo, mostram-se como aventureiros, o que demanda coragem, mas que também gera medo até de sair de casa. São os exploradores do desconhecido ou precursores.

A coragem de Marizô não aparece somente nesta empreitada "desbravadora". Aparece também em outros momentos de sua vida. O bairro era cúmplice dela nas suas "aventuras" de mulher "namoradeira" e "presepeira". Nas suas aventuras de "namoradeira", vários locais da cidade além do bairro estão presentes. Antes do casamento já tinha namorado muito. Ela conta dos namoros como banalidades corriqueiras. Sobre os namoros, ela diz:

Ó! só dava tempo sair um [...] Ai de [...] num quer mais não? Vamos acabar a amizade? Vamos. Mas eu já tinha um piscando ali do lado. Nunca deixei ninguém pisar no meu pé [...] Eu, noiva [...] Casava em agosto, eu disse: "Casamento em agosto dá desgosto, pois eu num quero não". Aí eu num quis, acabei [sic] (NASCIMENTO, 2005).

⁵Dona Marizô, como vai ser dito mais à frente, nasceu em 1919. Portanto, ela teria 15 anos se tivesse chegado em 1934 ao bairro Sumaré. Porém, preserva-se aqui esta imprecisão numérica na narrativa de Marizô, respeitando a sua versão. A palavra "Rua" entende-se aqui como centro da cidade.

O morador da cidade é sugestionado pelo ambiente em relação às suas especificidades (LYNCH, 1980). O "escuro", a "rua", o "bairro", o "mato", a "ponte" não são só testemunhas ou cenários, são vividos como cúmplice do narrador onde ele constitui sua rede de relações e experimenta sua vida. A narrativa de Marizô sobre a cidade e, especialmente no bairro, fala não só de sua biografia individual, mas de determinadas manifestações sociais relativas às classificações sociais do espaço e às relações entre homem e mulher, pai e filhos. Mostra, por exemplo, que a "rua" que se refere ao centro da cidade era melhor que o "mato" que se refere ao seu bairro no tempo em que ela foi morar.

Já a rede de relações do Maestro, por exemplo, vai aparecendo quando conta sua história na cidade. Apesar de não ter nascido em uma família abastada, foi criado por um membro prestigioso da elite de Sobral que morava na praça da igreja São Francisco. Dentre outros, volta sempre a lembrar de Dom José. A influência do primeiro bispo de Sobral, inclusive, o levou a participar da campanha de padre José Palhano de Sabóia para prefeito da cidade (mandato 1959/1963). O Padre, segundo conta o maestro, somente entrou na política partidária por causa do pedido do bispo. Inclusive o maestro, segundo o que ele mesmo conta, foi consultado sobre esta empreitada a ser executada pelo padre, mas apesar de suas ponderações contra, Dom José finalizou a conversa respondendo: "Precisamos de um homem que trabalhe por Sobral" .

O Sr. Gutemberg também ressalta suas relações com pessoas de prestígio em Sobral, inclusive quando ainda não morava na cidade. Através da influência de seu sogro, José Tomaz do Monte e Silva, comerciante conhecido na cidade de São Benedito, veio a conhecer Dom José, que sempre se hospedava na casa dele quando em "desobriga" .⁶ Conheceu também José Sabóia, adversário político do bispo, de quem o sogro era muito amigo. A casa do pai de sua esposa era a escolhida sempre que partidários dos dois lados existentes na cidade queriam realizar festas, o que facilitava a acolhida de pessoas de lados opostos também de outras cidades. Segundo Sr. Gutemberg, "era a única casa que quando tinha uma festa – nesse tempo não tinha clube, era feita nas casas de família escolhida – que acolhia os dois lados, porque eles se davam com os dois" (GUTEMBERG, 2005). Esta prática ele também arroga para seu pai que chegou a ser vereador tendo boa relação tanto com os "marretas" , quanto com os "democratas" (Partido Social Democrata – PSD).⁷ Seu pai também era comerciante, mas qualificado pelo narrador de "apolítico" , apesar de ter assumido uma cadeira no poder legislativo. Sr. Gutemberg dá a entender que herdou, de seu pai, práticas típicas do comerciante que tem que agradar seus clientes, seja lá quem ele for. Sobre Dom José ele fala que:

O D. José era um homem de valor, um homem de grande valor político, religioso e culto, e capacitado, sabe?[...] Dom José tinha visão, quando Sobral era ainda

⁶Costume da Igreja Católica que se constitui pela ida dos padres até determinadas localidades para realizar batizados, casamentos, confissões, dentre outros rituais religiosos. Neste caso a "desobriga" era realizada pelo Bispo da diocese de Sobral, da qual São Benedito fazia parte.

⁷Segundo Lustosa da Costa: " 'O partido marreta' foi a agremiação política que se formou no Ceará, em 1912, para opor-se ao rabelismo que nascera... com a candidatura do Coronel Franco Rabelo ao governo cearense" (COSTA, 1987, p. 78).

uma cidade pequenininha, ele fez a UVA acolá. O seminário o povo dizia “D. José vai fazer um seminário lá na Lagoa da Fazenda, pra gente ir lá precisa ir atrás de um cavalo [...]” . Visão porque ele sabia que a cidade ia crescer, quando ele fez também a saúde acolá, a Santa Casa, também disseram: “ave Maria” , porque ali se chamava a Tubiba, que era onde o trem pegava a água do rio, logo no entroncamento. Então diziam: “Vai fazer a Santa Casa lá perto da Tubiba rapaz, pra gente ir lá é um horror” . Mais era um homem de visão que sabia que a cidade ia crescer [sic]. (GUTEMBERG, 2005).

Sobre José Sabóia, inimigo político de Dom José, o comerciante aposentado fala que:

O José Sabóia ele foi político de valor, viu? [...] Ele foi juiz [...] aqui muitos anos, foi aposentado porque os políticos contrários forçaram a aposentadoria dele por causa da idade, e ele não gostou, mas era o jeito a lei mandava [...] O José Sabóia [...] foi afastado por força da lei, mas não perdeu o seu valor. Quando os políticos em Fortaleza queriam qualquer coisa vinham aqui combinar com ele [sic]. (GUTEMBERG, 2005).

“Visão” e “valor” , duas qualidades atribuídas aos dois influentes integrantes da elite da cidade na época até o final da década de 1950, parecem estar de acordo com as características de pessoas proeminentes ou se ressaltam perante aos outros que os circundam. Outro personagem citado por ele, mas que viveu em outro tempo, também é lembrado como merecedor de crédito: Cid Gomes.⁸ Sobre o ainda prefeito na época da entrevista ele fala que o fato de ser “trabalhador” o diferencia dos demais. Foi a lembrança das qualidades dos outros dois que o fez recordar do prefeito e situá-lo no rol dos superiores. O Maestro Wilson Brasil também elabora um pensamento no mesmo sentido exaltando a capacidade de Cid Gomes. Só que elabora suas narrativas, mostrando sua íntima relação com o prefeito na época da entrevista. Além disso, não se contentando em mostrar sua amizade somente com Cid, diz ser amigo de quase toda família. Segundo ele, esta amizade foi herdada da lealdade com o pai e o tio-avô do dirigente municipal, que também já ocuparam o cargo máximo do executivo de Sobral. Diz ser amigo também de Ciro Gomes, irmão de Cid Gomes, ex-governador do Ceará, ex-deputado federal, ex-prefeito da capital do Ceará, Fortaleza, e ministro da Integração Regional do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (mandato de 2003/2006), dentre outros cargos públicos já ocupados.

O prestígio dos “homens de bem” serve para demonstrar o seu próprio prestígio. Peculiaridade que não parece ser só sua, pois Sr. Gutemberg, de uma forma mais modesta, também usa do mesmo artifício narrativo. No caso do Maestro, este artifício não pode ser interpretado no sentido de querer expressar uma predestinação divina de um ser valoroso que por natureza deve ser adorado, ou algo parecido. A imagem que ele passa é mais simples e está na ordem do cotidiano, não do espiritual,

⁸Prefeito de Sobral durante dois mandatos: 1997/2000 e 2001/2004 e governador do estado do Ceará nos períodos entre 2007/2010 e 2011/2014.

nem do inato ou do divino. Simplesmente a vida o fez caminhar, usando seus termos, sempre "à direita". Isso desde a infância, quando brincava com os considerados por ele "ilustres sobralenses". Sua posição de reconhecimento social está posta no cotidiano das suas relações pessoais com indivíduos de prestígio. E justifica esta situação sempre afirmando que, apesar disso, nunca foi rico. As conversas com estas pessoas de prestígio rondavam sempre por assuntos "intelectuais", como "[...] política [...] as letras, a cultura, a grandeza de Sobral, no plano intelectual e moral etc.[...] a conversa era essa". Cada lembrança sua era arrematada com conselhos como este:

Isto é o que a mocidade [...] vocês deviam fazer assim: quando se reunir falar das coisas que elevam o pensamento. Porque [...] essa frase eu a julgo minha: feliz o homem que atinge a maturidade com seus dias consolidados na justiça. Está sintetizado nestas palavras, ta entendendo? o futuro de cada um de vocês. E essas coisas eram o que a gente conversava [sic] (BRASIL, 2005b).

A justiça passa a ser um valor fundamental na fala do Maestro. Justiça que parece se consolidar na formação intelectual. A narrativa do maestro, porém, sempre oscila entre uma modéstia declarada, seja ela financeira, seja ela intelectual, e um refinamento de formação pessoal. Fala da sua experiência na escola de "Dona Mocinha Rodrigues", mulher lembrada por ele como "p^rincipesca", que "tinha autoridade" e só "entrava em sala de aula muito bem vestida", em suma, como ele mesmo classifica, uma "aristocrata" com quem boa parte dos filhos da elite da cidade se formava. Ele diz que procurou "[...] um terreno fértil para a consolidação dos meus dias no futuro"(BRASIL, 2005b).

Fala deste terreno este de que ele fala com languidez e pesar. Lembra dos bailes, dos saraus, dentre outros momentos de encontro "intelectual". O momento da entrevista é ressaltado por ele como lembrança de tempos saudosos, pois é raro, nos dias de hoje, ele ter oportunidade de falar destas coisas. Essa imagem da "intelectualidade" de sua experiência de vida é projetada para a cidade. A cidade é que fornecia recursos para isso através das famílias prestigiosas que a habitavam.

Já Marizô, nascida no dia 19 de setembro de 1919, casou-se no bairro Sumaré com um pescador, tendo apenas 13 anos.⁹ Teve quatorze filhos, dentre eles, oito morreram. Já perdeu a conta da quantidade de netos e bisnetos. Já foi tecelã, empregada doméstica na casa de José Sabóia, parteira e nos dias de hoje continua exercendo suas funções como rezadeira.¹⁰ Já viajou de avião para São Paulo como "parteira líder" engajada em um projeto de saúde da prefeitura e já rezou para o cantor Ney Matogrosso, com quem tirou uma foto para registrar sua façanha. A sua experiência peculiar faz com que ela seja hoje muito conhecida dentre as pessoas envolvidas nas políticas públicas direcionadas à saúde, assim como dentre as famílias dos doentes, que foram curados por ela e mulheres que pariram em suas mãos. Cada atividade que exerceu é motivo para contar suas aventuras. Pessoas que entram e saem todo tempo, tomando sua casa uma das mais movimentadas da rua, aparecem como testemunho de sua fama na cidade.

⁹Já foi chamada a atenção do leitor para a imprecisão numérica referente às datas que Dona Marizô cita.

¹⁰José Sabóia é o mesmo juiz, contemporâneo e rival político de Dom José citado pelo Sr. Gutenberg.

O maestro também me mostra provas através de objetos, documentos e fotos, de seu envolvimento com "ilustres sobralenses". Na sala de sua casa, onde foi realizada a entrevista, um armário guarda peças consideradas por ele "valiosas" para a história da cidade. A flauta que ele não toca mais por lhe faltar "embocadura", doada ao Museu Dom José apesar de estar ainda com seu provisório "pastorador", é "[...] de mil novecentos e vinte que eu herdei do maestro Zé Pedro de Alcântara, o grande maestro que passou e deixou um rastro luminoso na história de Sobral [sic]".¹¹ Este instrumento musical é lembrado como relíquia de um tempo que prova seu envolvimento com os "ilustres". Fotos, cartas, partituras e documentos em geral eram sempre mostrados como provas.

As caminhadas cotidianas no centro da cidade lhe trazem boas e más recordações. Como ele mesmo fala:

É, eu sempre vou lá no Becco pra receber meu jornalzinho, pra ver as novidades [...] Então. Agora uma coisa que me toca [...] Chego naquelas ruas, por exemplo, na Domingo Olímpio, eu olho não tem mais ninguém daquele tempo, é um verdadeiro cemitério [...] Cadê fulano de tal? Morreu [...] Como, por exemplo, um deles é, Raul Conrado Ferreira da Ponte, pai do Aurélio Ponte e outros e outros mais, era uma beleza, uma beleza, as rodinhas nas calçadas que beleza que beleza! [sic] (BRASIL, 2005b).¹²

Sr. Gutemberg parece compartilhar do mesmo sentimento. O silêncio, causado por aqueles que se foram, remete o maestro e o comerciante aposentado a um tempo saudoso de uma "inocência cândida" de um tempo idílico. Barros (1999) também encontra este mesmo viés nos depoimentos trabalhados por ela. Para a autora, a impressão que lhe dá é de que a cidade do passado encarna a cidade possível inexistente no presente. Guardando a devida proporção entre a cidade do Rio de Janeiro, analisada pela autora, em comparação com a cidade cearense de Sobral, há coincidências nas lembranças dos entrevistados, que tendem a acionar a memória para exaltar uma paisagem idílica, de relações face a face. A entrevista com o maestro é muito marcada por isso. Nas décadas de vinte e trinta dos novecentos, como lembra o Maestro, "nas calçadas as rodinhas, as mocinhas brincando de prenda e a aquela coisa [sic] [...] e, hoje não [...] é cachaça muita, mulher e homem". Era também o tempo dos bailes de família, quando:

[...] os pais todos na sala sentados e as filhas ali e tudo mais [...] e elas dançavam ali entre os pais e tudo mais. Vinha uma licoreira antes de começar a festa, uma licoreira, um calicezinho de licor pra cada um. Os pais delas sorriam [sic] (BRASIL, 2005b).

¹¹Ele se refere ao Museu da cidade de Sobral fundado no bispado de Dom José.

¹²O Becco do Cotovelo é uma pequena rua com passeio somente para pedestres, em forma de cotovelo, que passou a ser o centro das atenções da mídia local para noticiar acontecimento da cidade desde início do século XX. Tem um prefeito escolhido pelos comerciantes do local e uma série de rituais que reforçam a imagem de "coração da cidade". A escrita com dois "c" remete a uma tradição histórica, pois é entendida pelos frequentadores como um forma pretérita de grafia da palavra. Sobre isso Cf. Freitas (2000).

Como ele mesmo diz, o licor inocente era para "levantar o espírito". A descrição destes bailes era acompanhada de gestos e movimentos que tentam lembrar o que acontecia no salão. Neste tempo o Maestro lembra que todos ficavam muito bem vestidos e penteados de forma "primorosa", fato que ele prova com a foto da senhora, que o criou, vestida para um baile, tirada em 1901. Para ele, hoje é bem diferente. As mulheres vão todas "desgrenhadas".

Já na fala de Marizô, o passado não está tão distante assim. Nas próprias atitudes dela, está implícita a forma como usa do passado. A cidade que teve um passado vivido como ela viveu, ainda existe no presente, apesar de não ser a mesma coisa. Talvez por ainda estar exercendo sua atividade de rezadeira, suas aventuras ainda são constantemente reeditadas. Como já dito, ela é convidada a se engajar em projetos da Secretaria Municipal de Saúde, fazendo um trabalho de educação articulado ao Programa de Saúde da Família, mas não deixa de lado sua atitude "ousada", jogando com coisas que, de certa forma, são controladas pelo saber médico, burlando, taticamente, as imposições deste saber quando lhe é conveniente. Um exemplo é a reza que fez dentro do posto de saúde, na época, localizado em frente à sua casa.

Apesar disso, não se acha mais "jovem", mas ainda não se sente "caduca". Imagina sua talvez futura "caduquice" como pior do que as convencionais. Brincando e ironizando a sua idade, não quer se enquadrar na condição de "caduca".

Para envolver os ouvintes na narrativa, o maestro também não se contenta em expor objetivamente o que fala. Utiliza-se também de brincadeiras que fazem os entrevistadores participarem, sem necessariamente estarem lá, pois, segundo seu julgamento, não é um tempo em que viveram. Somos chamados a atenção da seguinte forma: "É e olhe, pra você ver, minha filha, que naquela época meninos [...] que naquela época [...] [sic]". Os "meninos" que ali estavam para lhe escutar, segundo ele, "podem não ter participado, mas pelo menos já leram alguma coisa". É uma postura quase de avô que conta para os seus netos suas experiências. Um avô que tenta mostrar-se humilde, mas que vive intensamente com a elite da cidade, ao mesmo tempo em que, segundo suas palavras, é "senhor de sua semana". As histórias, mesmo as trágicas, tornam-se anedóticas e engraçadas como o tiroteio que houve na Casa da Câmara em 1907, do qual "Dona Bila", professora na época, foi espectadora:

Essa aqui é a célebre dona Bila. Que tem aquele negócio que houve uma briga na Câmara e houve bala e coisa e tal, e o Antônio Almeida vinha correndo pela rua Santo Antônio e ele tava na janela, e disse [...] o nome dela era Isabel e chamava Bila: "O quê foi isso Toinho?". "Muita bila dana Bala!"[sic]. (BRASIL, 2005b).

O Maestro tenta amenizar a conversa, deixando-a mais agradável para nós. A beleza que sempre ressalta, quando lembra o tempo passado na cidade, não era só dos ricos, mas também dos pobres. Apesar disso, mesmo sendo uma cidade "intelectual", ele chama a atenção para o lado negativo do preconceito, que ele próprio reproduz, nos bailes em Sobral.

É, a gente sentia, a beleza da sociedade, aliás dos pobres também. Nós tínhamos um clube do artista sobralense, é clube do artista e depois o clube dos índios e tudo mais. Agora existia essa, essa questão de branco e preto e de coisa e tal.(...) Mas eu até de um certo modo acho que devia haver uma certa seleção nas coisas, por exemplo: eu vou fazer uma festinha aqui na nossa casa convido vocês intelectuais, vem um "cabôco" das Pedrinha bebo dizendo nome feio na porta, num pode! [sic]. (BRASIL, 2005b).

Desta forma, o maestro posiciona-se diante do preconceito. Para ele, muitos foram mudando com o tempo. Mas alguns devem ser reprovados, assim como outros preservados, como, por exemplo, a correção na forma de se comportar e se vestir em ocasiões especiais. O "cabôco", categoria à qual o Maestro se julga pertencer, oscilava entre o pobre que ficava no "sereno do baile" e o rico que o aproveitava, também lembrado pelo Sr. Gutemberg.¹³ Nos bailes, o comerciante entrava com facilidade. Já o maestro também entrava, mas em muitos casos isso não era tão fácil assim. Ele conta como exemplo o episódio do casamento do Dr. Plínio Pompeu Sabóia Magalhães, em 1928, no Pálace Club, que foi com sua mãe adotiva, classificada por ele como pertencente à "alta sociedade".

Então eu quero lhe dizer que eu fui entrando com a minha mãe, aí o porteiro: "psiu! Pare!. Você não pode entrar aqui não" . Aí a velha que era muito positiva virou-se para o porteiro e disse: "não se faça de besta cachorro! Vambora, menino!" Subi, me sentei ao lado da cadeira dela e assisti à solenidade do casamento civil que foi lá no Pálace, 1928. Pois bem, são essas coisas né? Agora os branco(...) que muitas vezes tinham os rapazes brancos, que tinha as mocinhas pobres bonitinhas assim como vocês né? Verdadeiros lírios [sic]" (BRASIL, 2005b).

O narrador maestro não podia deixar escapar a tentação de querer afetar aos entrevistadores com suas colocações, mesmo falando de preconceito. Ele torna a história contada cotidiana e engraçada para envolver o ouvinte. Já Marizô tem outro tipo de relação com pessoas de prestígio na cidade. Ela conta seu envolvimento do ponto de vista de sua esperteza em se safar de situações em que foi colocada em risco. Quando trabalhou na casa do juiz José Sabóia, várias histórias foram relatadas. Ela conta, por exemplo, que cuidava do filho deles. Porém, era "folgada" e ajudava a cozinheira a fazer a comida só para poder comer primeiro que todo mundo. Tornou-se empregada de confiança de Dona Sinhá, esposa do juiz, dentre as nove que trabalhavam por lá. Pelo menos dois episódios facilitaram Marizô na conquista desta confiança. Um deles foi o "teste" aplicado a ela por dona Sinhá, que colocou uma cédula de dinheiro na mesa. Marizô logo desconfiou do teste e não mexeu. Em seguida, vendo que era digna de confiança, sua patroa começou a confiar nela entregando a chave da dispensa e a movimentação das crianças que deveria cuidar.

¹³"Sereno do baile" é ficar do lado de fora da festa.

A parteira quer mostrar sua astúcia e a coragem na resolução de um problema contextual que tem uma forte relação com a questão mais ampla das diferenças de classe. Além disso, apesar da dependência que tem com relação ao emprego, só faz o que pede a sua função. O resto fica por conta dos momentos em que se aproveita da fartura de seus patrões e come antes deles.

Já o Sr. Gutemberg mostra sabedoria e experiência de vida utilizando a cidade e sua memória como forma de construir sua autoridade em não só conhecer bem Sobral, mas ter convivido com ela desde muito tempo. Ele conta que:

Quando eu cheguei aqui o abastecimento d' água era feito em costa de animal. Quando dava as primeiras chuvas no inverno, a água era barrenta, horrorosa, sabe [...] Isso nos anos de quarenta e tantos, não tinha tratamento d' água [...] Só o centro da cidade que era calçado, a maioria quase tudo era de barro [...] Isto nos anos de quarenta e [...] dois, cinquenta por ali, foi que calçaram [...] pra vim o asfalto. O asfalto veio há pouco tempo [...] talvez em [...] não sou muito preciso nas datas não, mas faz pouco tempo. Eu vim pra cá em 46, isso durou [...] depois eu consegui, porque o colégio sobralense tinha um encanamento d' água que era muito precário, mas mesmo assim eu mandei instalar na minha casa e tudo e tal, mas sempre melhor, isso lá pelos anos de 50 e qualquer coisa assim [...] [sic]. (GUTEMBERG, 2005).

A versão de cidade e de práticas narradas por estes narradores mostra vivências urbanas nas quais acompanharam o desenrolar do desenvolvimento e sentem saudades dos tempos passados quando tudo parecia ser mais inocente e brando. Estas versões parecem contrastar com a versão de José Ferreira que também acompanhou o "crescimento" da cidade, conviveu com a urbanização crescente, passando inclusive pela sua parte mais expressiva que é a indústria, trabalhando com óleo de oiticica e mamona na extinta CIDAO. Nela ingressou em 11 de fevereiro de 1950 e ficou durante 36 anos, mas acabou voltando à sua origem rural, sem sair da cidade. Voltou a ser lavrador em terras próximas da sua casa no sistema 5 por 1. Sobre seu dia a dia ele fala que:

Durante o dia eu vou pro roçado, chego 10, 11hs. Aí passo o resto do dia aqui no gabinete [...] só sentado conversando. Tem a minha patroa que chega aqui, ela vem pra cá pra nós prosear, às vezes passa outra pessoa e aqui vai ficando essa graça. Às vezes, agora eu tô cercando a vazante ali, porque quando se acaba o roçado aí eu vou pra vazante, só pra mim intertre.(FERREIRA, 2005a).

O seu escritório é o quintal de sua casa, onde também cria alguns bichos. Segundo ele, são de 30 a 40 cabeças de diferentes bichos, como galinha, capote, porco, dentre outros. Quase nunca vai ao centro. Sobre isso ele diz:

É, eu num vou, não ando pra nenhuma parte não. Só aqui mesmo [...] Não eu vou pro centro assim quando eu vou receber o meu trocadinho. Eu vou até lá [...] E

hoje eu ainda levo uma guia, porque eu quase não conheço aquele negócio de sinal, aquelas coisas. Eu tenho uma sobrinha minha que vai mais eu. Quando eu chego naquele sinal, ela já conhece, passa pelo sinal. Eu sempre, aqui acolá, eu vou pro médico, ela é quem vai mais eu [...] Chega lá na Santa Casa, ela remexe todo o canto, eu num sei andar pra nenhuma parte [...] [sic]" (FERREIRA, 2005b).

Também, assim como os outros narradores selecionados, lembra com saudosismo determinadas práticas peculiares que hoje já não existem mais. Justifica o fato de nunca ter estudado quando diz:

Não, eu nunca estudei. Não tive tempo, porque o tempo que eu tive quando eu fui tomando marra mesmo, à altura de um homem, aí eu fui atrás foi de namorar [...], o meu pai que acabou de criar nós era no trabalho aquele tempo, neste tempo aula era muito difícil. Quando eu vinha pra cá na Várzea Grande, que eu vim no 40 pra cá, a aula que tinha aqui era do padre Domingo [...] E as mulhé também era difícil [...] Hoje é muito difícil ter casamento que dê certo, porque [...] quando o sujeito se casa ele já conhece a moça [...] Um rapaz não andava agarrado com uma moça. Se ia na casa de uma namorada era de 8 em 8 dias [...], quando a gente vinha com aquele prazer. Mas hoje não. O sujeito agarrada com ela todo o tempo [...] quando ele chegar lá não tem mais gosto [...] Nesse tempo não tinha beijo não [...] O sujeito chegava na casa do pai de família, a véia sentava num banco ou num batente com o cachimbo véio- bofo, bofo, bofo- pastorando [sic]. (FERREIRA, 2005a).

Desta forma, a partir de suas lembranças, José Ferreira representa uma versão diferente de práticas de espaço na cidade. Não é uma prática "intelectual" como a do Maestro, nem uma prática de "presepagem" como se qualifica Dona Marizô com suas aventuras narradas, muito menos práticas de comerciante e migrante com estreitas relações com elite local, como é marcada a experiência de vida do Sr.Gutenberg. É uma experiência que tende a se distanciar de uma urbanização, de "sinais" estranhos de orientação que aparecem com as inovações tecnológica aplicadas na cidade. Os nomes, que fizeram parte de sua vida, acabam sendo outros. Não mais os nomes dos heróis da elite econômica e política aparecem em sua narrativa, mas o de seu vizinho ou conhecido do bairro, ou ainda do dono do terreno, onde trabalha, que nem sequer mora em Sobral, mas em Fortaleza, capital do Estado.

Apesar das diferenças, observando este e os demais depoimentos, podemos ver que alguns deles se aproximam em determinados momentos e se distanciam em outros, de acordo com a especificidade de relações que compartilham na cidade. Penso que são expressões não só de biografias individuais, mas também mostram indícios e circunstâncias de vivências possíveis no espaço urbano, que não podem ser enumeradas, mas qualificadas como tipos possíveis. Não são os

únicos, mas são significativos, e nos levam a pensar uma série de práticas pertinentes para relativizar e/ou confirmar algumas perspectivas que pretendem contar a História da cidade.

Entrevistas

BRASIL, Wilson. Depoimento: 4 de julho de 2001. Entrevista documentada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), 2005a.

BRASIL, Wilson. Depoimento: 29 de agosto de 2001. Entrevista documentada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), 2005b.

NASCIMENTO, Maria Cardoso do (Marizô). Depoimento: 15 de setembro de 2001. Entrevista documentada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), 2005.

GUTEMBERG, Gutemberg. Depoimento: 8 de março de 2004. Entrevista documentada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), 2005.

FERREIRA, José. Depoimento: 5 de julho de 2001. Entrevista documentada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), 2005a.

FERREIRA, José. Depoimento: 5 de setembro de 2001). Entrevista documentada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), 2005b.

Referências

BALANDIER, Georges. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. "A cidade dos velhos". In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 43-57.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, 1).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Lustosa da. Clero, nobreza e povo de Sobral. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico. 1987.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, ano 14, p. 155-162, 2005.

FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral opulência e tradição*. Sobral: Edições UVA, 2000.

_____. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral/CE*. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Martins Fontes, 1980.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 127-140.

SIMMEL, Georg. *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.